



A primeira encenação de "Império do Condor" aconteceu no dia 8 de maio de 1980, com direção do autor e com o seguinte elenco:

Palhaço Um	-	Edison Bequete
Palhaço Dois	-	Elisa Simões
Palhaço Três	-	Tárcio Marcondes



A T O I

CENA 1



Os três palhaços revezam-se ao dizer os versos, já definindo a angústia de P.1, a firmeza de P.2, a perplexidade de P.3.

Luz sôfia no palco dá impressão de fotografia antiga.

P.2 finge soltar um pombo imaginário de sua mão.

- P.1 e P.3 - Quando os pombos da Praça Tiradentes se despedem na última
: reveada do dia...
- P.1 - Anotecem as esperanças.
- P.3 - E... o jeito?
- Palhaço 2 (mãe) - (desenhando um sorriso no rosto do Palhacinho)
O jeitô é sorrir encabulado...
- Palhaço 1 (pai) -
Fechar o velho álbum de recortes...
- Os três - (em círculo, lembrando com a junção de suas vestes um cir-
co)
Que teime em anunciar risos e aplausos.
- Palhaço 1 (pai) - (afastando-se)
Este circo, este circo é um mundo, maninhos.
- Palhacinho - (surgindo de uma fresta da roupa de Palhaço 2 (mãe))
E sua lona tem tanto buracos!
- Palhaço 2 -
Quem sabe se, amanhã, no mesmo ponto, não surge um contra-
to...
- Palhaço 1 -
Para atuar em Hong-Kong, Cingapura...
- Palhacinho -
Ou Cascadura...



Palhaço 1

Na falta de comida...

Palhacinho

- (fingindo que come uma folha de jornal acesa)
Como fogo...

Palhaço 2

- (resvalando na sombrinha)
Para não cair mais, madame, me equilíbrio...

Palhacinho

Na sombrinha sem arame.

Palhaço 1

- (ladeado pelos outros dois, no centro do palco)
No drama do calvário, fui Pilatos e já fui Judas...
São Cristo é que nunca vivi no cenário de papelão.

Os três

Mas olhem para mim, maninhos, e vejam se não carrego uma cruz!
Tenho chagas no meu corpo e também no coração.

Palhaço 1

Estou crucificado e me consumo em chamas ardentes...

Palhacinho

Em busca de um cachê na Praça Tiradentes.

Os três

Palhaço, equilibrista, trapezista...
Vou desfiando meu rosário...

Palhaço 2

Ai, ai, ai, meu Deus do Céu, quanto lucro já dei para muito empresário!

Palhacinho

Cafona!

Palhaço 1

Cafona? Cafona é quem pensa que estou na última lona...

Os três

Sei que vivo num compasso de espera, mas não admito que digam que eu já era!
Ainda sou e provo por inteiro, aí, no meu mundo.
Nr. picadeiro.

Palhaços 2 e 3 - executam cabriolas saindo de cena.

Palhaço 1

- Risos, aplausos, muita emoção, cambalhotas no ar, saltos mortais,
Quem dá mais? Quem dá mais? Não perco a fé, não perco a fé.
Ei, quem paga o café?

CENA 11



mutações de luz

Palhaço 1

Perdoe o respeitável público, a quem tanto prezo, se, não tendo empresário, eu próprio me empenho, e aqui mesmo na praça, eu e minha família, hoje na desgraça...

(Palhaço 2 e Palhacinho criam os tipos da praça)

armamos o circo dos errantes burlantins.
Que fazer? os meios de comunicação...

Palhacinho

- (como jornalista)
Matou a própria mãe sem ter motivo...

Palhaço 1

-
Justificamos os fins...

Palhacinho

-
Cachorro fez mal a moça.

Palhaço 2

- (finge desmaiar com um cachorrinho no colo)
Comeu cachorro-quente estragado.

Palhaço 1

-
E a finalidade máxima desta família de funâmbulos é a de mostrar que somos sonâmbulos. Mas não quero me alongar nos ses preâmbulos para que o ritmo não se descombe.

Aqui estamos na praça, ao lado do lambe-lambe.

Palhaço 2 e 3

- (fazem mímica de retratista de praça, estourando magnésio, etc)

Palhaço 1

- (faz pose de quem vai se fotografar, sendo que sua caricatura vai aparecer quando o Palhacinho baixa as calças mostrando a cueca, na qual está desenhada o seu rosto)

Aqui estamos, pedindo licença para ocupar uma nesga do território do condor.

A praça, a praça é do povo, de retratista e também pode ser do artista.

Mas, o que é isso? Caiu a sombra, é noite alta.

Providenciemos logo as luzes da ribalta.

Os atores exigem refletores...

Palhaço 1

- (olha para cima de onde vem descendo o Palhacinho com uma sombrinha iluminada)

Mande lá de cima uma gambiarra das estrelas irmãs desses palhaços.

Que a lua,

(Passa o Palhaço 2 com uma lanterna azul)

Velha colega, ilumine nossos passos. + Lua, branca de neve, sinto ciúme do teu perfume, do teu "hai-hai".

Aqui estamos nós, puros, limpos, de alma nua.

Ainda bem que o circo continua.

Aqui estamos nós, mais perto do povo, do que nunca.

Melhor na praça do que em qualquer espelunca.

Vou apresentar à platéia, hoje, um novo artista.

E a emoção da estréia aflige-o.

Já foi menino-prodígio.

(Palhacinho reluta em entrar em cena)

Fazia o papel de república com o barrete-frígio.

Taludo, não me iludo, perdeu a graça infantil, que não carece de estudo.

Se ele trabalhar bem, batam palmas. Caso contrário, em nome das almas, não o vãoem!

O jovem que se apreska a disparar o seu gatilho é... meu filho!

Palhaço 1

- (continua)

Damos melhor aqui o que temos de melhor e aprendemos, a cada momento, o significado maior de cada sofrimento.

Não nos encontramos tão distanciados desses pobres coitados que se acóitam aqui, açoitados pelo destino que a vida traça...

Desses pobres marginalizados que se refugiam na praça...

(sai de cena)

Palhaço 2

- (como prostituta)

Palhacinho

- (a princípio tímido)

És uma só e te sentes sozinha no mundo. Mas, se eu te disser em meu verso, mulher, que teu vulto solitário, a essas horas da noite, se reproduz nos milhares, em todo o universo, talvez não sofras tanto a solidão.



És uma, estás só, perdida. És uma mulher da vida. Que queres? Este é o destino de tantas mulheres! Quando contas tua história de abandono da sociedade que, com tamanha falsidade, se recata, há quem diga que é cascata...

Que estás nessa porque queres. Que queres? Tanta gente fala mal das mulheres. Eu, não. Os hipócritas invejam tua risada desvairada. E te chamam mulher de vida airada.

Que querem eles? Pisar-te, machucar-te até que grites de dor? Tua resposta é esta gargalhada de desvario, que mais parece um desafio, uma navalhada!

Condenas-te a viver isolada da família, alegando que teu comportamento humilha. Mas tu, o que queres, como todas as mulheres, é ter um lar. E em tal sonho tua alma se hipoteca... tu também não brincaste de boneca?

Por isso, no quarto que divides com teu gigolô, nunca falta um bibelô: um bebê, lembrando o filho que teu ventre abortou. Em vez de mãe e de esposa, és uma simples mariposa.

Dormes, mas tua alma nunca repousa, minha pobre querida me retriz...

Em teu pesadelo, por um triz, escapas correndo do camburão pela décima vez. Como vês, não há quem te valha em tua dura batalha. Mas, que queres? Este é o destino de tantas mulheres.

Palhaço 1

- (ao fundo, acompanha a cena do Palhacinho)

Palhaço 1 e Palhacinho

Das mulheres, não importa, se sincera ou fingida, interpretas todos os papéis desta vida. És companheira, és mãe, irmã e até filha. Há vários nomes designando tua profissão, teu ofício, missão com marca de vício. No correr dos tempos, inspiraste poetas, músicos, romancistas... Até na Bíblia falam e falam bem de ti, pequena, quando te chamaram Madalena.

Palhacinho

Não quero que te sintas tão sozinha esta noite. E é por esse motivo que faço estes versos para ti.

(Palhaço 1 abraça Palhaço 2)

Palhaço 1

Vem, por uma hora seja minha senhora. Quero apertar-te nos meus braços...

Jurar um amor que não acaba mais. Finjamos juntos, como dois bons fingidores, que nosso amor fingido alivia todas as dores. O mundo está cheio de mulheres sós.

Palhacinho

Mas também há homens tão sozinhos...



Palhaço 1 - Per fim momento, vem, que o maior pecado, a maior injúria ao Criador, é a falta de amor...

Palhacinho - A falta de amor! Estão vendo só, é o que eu digo, deles não mereço a atenção que se dá a um mendigo! Meu pai e minha mãe só pensam no seu egoísmo. São vítimas da maldita doença do estrelismo!

Palhaço 1 - Não é nada disso, rapaz! O cansaço provocado pela fome era demais...

Palhaço 2 - Eu e teu pai tivemos sonhos tão bonitos. Eu era Bette Davis. E teu pai, o genial Carlitos...

Palhacinho - Sonhos, sonhos, vocês vivem sonhando!

Palhaço 2 - Quando já não me resta mais nada, confesso que sonho, e sonho até acordada.

Palhaço 1 - Meu sonho é ir-me embora para Pasárgada...

Palhacinho - Quero que o mundo em paz me deixe, para que eu possa pescar meu peixe.

(Palhacinho mune-se de anzol. Palhaço 1 começa a fazer as malas e Palhaço 2 lê jornal)

Palhaço 1 - Vou-me embora para Pasárgada. Lá sou amigo do rei.

Palhacinho - Eu, se fosse o senhor, não dormia. Arranjava logo uma mordomia...

Palhaço 1 - Lá tenho a mulher que quero, na cama que escolherei...

Palhacinho - (mostrando uma calcinha no anzol)
Dê uma espiadela...
E vê se não é dela!

AS

Palhaço 1 - Vou-me embora para Passargada. Aqui eu não sou feliz...

Palhaço 2 - (lê uma notícia no jornal que fala da má situação geral)

Palhaço 1 - Lá a existência é uma aventura, de tal modo inconsequente...

Palhacinho - Como o senhor está eloquente!

Palhaço 1 - Que Joana a louca da Espanha...

Palhacinho - Por acaso, o senhor é parente dessa rainha falsa e demente?

Palhaço 2 - Lê outra notícia...

Palhaço 1 - Vem a ser contraparente da nora que nunca tive.

Palhacinho - Muito mal se refastela quem se fia na parentela.

Palhaço 1 - E como farei ginástica

Palhacinho - Eis aí uma medida drástica...

Palhaço 1 - Andarei de bicicleta, montarei no burro bravo.

Palhacinho - Bravo!
O difícil, eu acho, vai ser saber quem está por cima e quem está por baixo...

Palhaço 1 - Subirei no pau-de-sebo...

Palhacinho - Isso não é coisa pra velho; é para mancebo.

Palhaço 1 - Tomarei banho de mar...



Palhacinho

E quando estiver cansado, deite na beira do rio. Mando chamar a mãe-d'água pra me contar as estórias que, no tempo d'eu menino, Rosa me vinha contar...

Palhaço 1

Rosa? Só pode ter sido estória do Bocage. Me ajude aí com a bagagem...

Palhacinho

Boa viagem.

Palhaço 1

Vou-me embora para Pasárgada. Em Pasárgada tem tudo. É contra civilização.

Tem um processo seguro de impedir a concepção. Tem telefone automático.

Palhaço 2

(lê notícia)

Tem alcalóide à vontade...

Palhacinho

Tem prostitutas bonitas para a gente namorar...

Palhaço 1

Não falei?

Palhacinho

O senhor vai embora assim sem despedida?

Palhaço 1

Vou, cansei dessa vida suicida. Estou triste.

Palhacinho

E quando estiver mais triste?

Palhaço 1

Mais triste de não ter jeito, quando de noite me der vontade de me matar?

O rei mandou me chamar para sua corte real.

De Jambuja, ele me dá Babilônia, Cascadura e Portugal!

Palhacinho

Me mande um cartão postal!

CENA 111

Palhacinho finge fazer uma necessidade.
Um pipi no muro.

Palhaço 2, como meninas ao fundo...

Palhaço 2

- Pescando, Palhacinho?

Palhacinho

- Não, sua boboca. Só estou dando bamba na minhoca.

Palhaço 2

- (cantando)

Você diz que sabe tudo, mas não pode adivinhar.

Quero que você me diga, oi, lelê, quantos peixes tem no mar?

Palhacinho

- Você vai cercar o mar com moedas de vintém, para que possa contar; oi, lelê, quantos peixes ele tem!

Palhaço 2

- (joga o anel)

Que Palhacinho inteligente!

Você é capaz até de adivinhar quantos anjos têm no céu.

Tai, acabou de ganhar o meu anel...

Palhacinho

- Foi por causa da menina, passa, passa, já passou.

Encantado anel de vidro foi ao chão e se quebrou.

O amor que não me deste, gerofli e geroflá.

Ó senhora Dona Sancha, passa, passa, passará?

Era minha esta calçada, toda a rua ladrilhei.

Meu amor deu volta e meia, mata-tira, tirarei.

Foi por causa da menina, passa, passa, não passou...

Lembro sempre a menininha da canoa que virou (mutação)

No dia que nasci, tive um desgosto profundo

A parceira gritou logo: - Mais um palhaço no mundo!

Hoje tem marmelada...

CENA IV

Palhaço 1 está com a cabeça envolta em gaze. Todo estropiado.



Palhaço 1

Estou voltando em louca disparada..

Palhacinho

De onde, papai?

Palhaço 1

De Pasargada. E nem te conto nada.

Para fugir de Joana, a louca da Espanha, mulher de bigode e cheia banha que, por pouco, não me acompanha, improvisei até ataque de doideira.

Pasargada... Pasargada, exagero de quem pensa que tudo é melhor no estrangeiro. Esta invenção do Manoel Bandeira, na certa visa, a que a gente gaste mais divisa.

(Palhacinho está sentado em seu joelho e Palhaço 1 imita sua voz)

Mas, escute aqui, meu santo genitor, não esqueça sua verve de ator-ator e me revele, ainda que com voz apagada, suas aventuras lá em Pasargada.

(Palhaço 1 volta a falar com voz natural)

Que tua mãe não saiba mas, para princípio de conversa, a mulher que me bule-yersa e que cantei com voz-ativa, ficou só na tentativa.

O marido trabalhava na estiva.

(Com voz imitando Palhacinho, que passa por boneco de ventríloquo)

Já vi tudo, era mais forte que uma locomotiva.

(Palhacinho imita uma locomotiva, enquanto Palhaço 1 troca de lugar com ele)

Na força bruta de Sansão...

Palhacinho

(imitando a voz de Palhaço 1)

Antes de iniciar a primeira sessão, um processo seguro de impedir a tentação.

Palhaço 1

(urrando de dor)

Ai, se um dia achei vantagem em ser amigo do rei, errei.

Os reis são muito egoístas, só pensam em guerras, morticínios, extermínios, para aumentar os seus domínios.

E, na guerra, como diz uma antiga ode, o amigo do rei é o primeiro...

(Palhacinho, antes que ele complete, fecha-lhe a boca)

Que se... Rei, seja rei de huno ou de cossaco...

Palhacinho

Não tem amigo. Só tem puzar-saco. Papai, é verdade que rei só come doce?



Palhaço 1

Seria bom se assim fosse, mas a mesa do rei até que é bem salgadinha.

Tudo o que ele come é temperado, ou melhor, destemperado, pelas mãos cansadas, suadas, calcadas, que fazem sua comidinha. E quando o pão chega à boca do rei ou da rainha ... tem mais suor que farinha. Quem do rei é comensal fica com a boca assim de sal!

Palhacinho

E o que é pior: sal feito de suor. E a ginástica... o burro bravo... não gostou, percebo...

Palhaço 1

Caí...

Palhacinho

De burro..

Palhaço 1

Do pau-de-sebo.

Palhacinho

Mas a Pasargada do Bandeira tem de tudo...

Palhaço 1

Manuéis, como o marido da dita de minha desdita, pode ter. Mas não tem nem bandeira. Ou melhor, tem, mas não é essa que a brisa do mar beija e balança.

Palhacinho

É com redobrado otimismo que, eu, esta criança, admiro seu patriotismo...

Palhaço 1

E não é para ser menino? A Pasargada do Bandeira pode ter de tudo, mas a vida por lá não é nada econômica. Qualquer comprinha custa uma soma astronômica.

Um pepino (olha para o próprio corpo) chega a ser uma raridade gastronômica.

(Palhacinho olha para a parte inferior do corpo do pai e ri).

Está rindo... por que?

Palhacinho

O senhor foi-se embora para Pasargada pensando em levar vida de lóide...

Palhaço 1

(falando aspirado)
Apenas uma ilusão criada pelo alcalóide...



Palhaço 1

Mas lá não é outra civilização?

Palhaço 1

Civilização, em última instância, é conservar alma e coração de criança.

É deixar não perder sua infância.

Civilização é ter o peito aberto. É não guardar rancor.

É não ter preconceito de cor.

É não fazer discriminação.

Palhaço 2

É verdade. Depois, o que interessa outra civilização? Que interessa, se aqui é a nossa casa, o nosso lar, o nosso circo! Vivemos aqui. Aqui está o nosso público. Aqui nunca estamos sozinhos. Veja esta gente toda que nos está vendo, é gente como nós. São todos nossos vizinhos.

Palhaço 1

Tem razão, meu filho. Naquele de amigo do rei, me bertei.

(Os dois fingem duelar)

Se, no campo de luta de todos os dias, cada um se colocar em seu lugar; sem fugir da raia, não importa se, em troca de aplausos, louvores, honrarias ou vaias e reprimendas e der o melhor de seu esforço real...

Palhaço 2

Em favor do mundo de seus irmãos, sendo solidário na alegria e na dor...

Palhaço 1

Valerá tanto ou mais que qualquer imperador...

Os Dois

E, agora, pedindo licença poética a Manoel Bandeira, astro-rei da poesia, os dois palhaços confessam que nunca pensaram em se matar... nem tampouco em se mandar pra decantata Pasárgada...

Palhaço 2

Lá tem... para a gente namorar...

Palhaço 1

Lá tenho a mulher que eu quero... na cama que escolherei...

Palhaço 2

Deixa comigo: aqui a existência é uma aventura...



(Os Dois fingindo britar pedra)

De tal modo inconsequente, que não há mais quem aglente,
mas vale a pena viver!

(Os Dois dançam maxixe).

CENA V

Palhaço 2 aparece como guarda.

Palhaço 2

Ao dar esta ordem, não sabem o que sinto.
Mas é bom que, em paz, abandonem este recinto.

Palhaço 1

Senhor, não nos resta nenhum outro espaço...
para exibir nossa arte de palhaço.

Palhacinho

Deixe, ao menos, que a gente defenda o nosso rango...

Palhaço 2

Defender o rango? Não me venha com letra de tango, que eu
acabo perdendo a compostura e mando a trupe inteira para a
chefatura.

Respeitem a autoridade!

Palhacinho

Senhor, eu sou de menor idade...

Palhaço 2

Bato, prendo, mando, prá's galês...

Palhaço 1

Ora, ora, por quem és...

Palhaço 2

Não permito desacato. Fim de ato, baixem o pano

(Palhaço 1 e Palhacinho iniciam strip-tease)

Antes que eu baixe o casse-tête.
Sou autoridade. Palavra de rei não se repete.



Palhaço 1 - Tenho lã minhas dũvidas sobre se isso lhe compete.

Palhacinho - Por favor, permita que a gente continue com o nosso basquete. As coisas não andam nada boas para o nosso lado. Não vã que a gente estã pelado; que a nossa roupa não tem nem fun dũlho?...

Palhaço 2 - Com essas caras cheias de polvilho, estã na cara que são deis peravilhos...

Palhaço 1 - Eu sou o pai...

Palhacinho - Eu sou o filho...

(Arram confusãõ sobre quem ẽ quem)

Palhaço 2 - Eu sou da sociedade o sustentãculo...

Palhaço 1 - Falou a voz do orãculo.

Palhaço 2 - Eu represento a lei e são sustentãculo!

Palhacinho - Senhor, uma lei antiga diz que não se pode parar o espetãculo!

Palhaço 2 - Fiquem quietos! Tomem tenẽncia!

Palhacinho - Seria uma inconveniẽncia.

Palhaço 2 - Contra a força não hã resistẽncia. Que vergonha, nũs em pe lo!
Estendam os braços que vou prendẽ-los.

Palhaço 1 - Isso ainda vai lhe trazer muitos pesadelos!



Palhaço 2 - O meu sonho de grandeza permite que eu desça a qualquer
baixura.
O que posso, e muito posso, faço sem ter recurso!

CENA VI

Palhaço 2 é o carcereiro. Palhaço 1 e Pa-
lhacinho, os presos!

Palhaço 1 -
No fundo, o que eu tenho é pena desse brutamente enfeitado,
que nos deixou em tal estado. Não passa de um condenado.

Palhacinho -
Pensa que seguirá mandando a vida inteira,...

Palhaço 1 -
Assim pensa por que está de bobeira neste mundo onde só pa-
dece aquele que não se conhece e que não sabe que o maior
alarido que fazemos nesta vida...

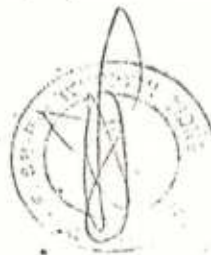
Palhacinho -
Em realidade, é apenas um simples balido (faz mē) no limi-
tar da eternidade.
Papai, por acaso o senhor não está sonhando, simplesmente
divagando?

Palhaço 1 -
Se um sonho mau é que nos agrilhoa,
o sonho bom tem a força furiosa de uma leoa.
Só a inteligência do ideal nos vale nesta hora de afição.

Palhacinho -
É verdade. Então contemos esta cruel condição. Esta fú-
ria, esta ambição...

Palhaço 1 -
Levando em consideração que, vivendo, nós sonhamos.

Palhacinho -
E, assim, faremos, pois estamos em mundo tão singular que
o ato de viver é simplesmente sonhar!



Palhaço 1

E a experiência me ensina que o homem tem a sina de só na morte despertar!

Palhacinho

Sonha o rei que é rei e vive, em seu engano, mandando, dispondo de tudo e governando!

Palhaço 1

Aplauso que o enleve?

Palhacinho

Na aragem leve se escreve...

Palhaço 1

E, na glória da lisonja?

Palhacinho

O tempo passa uma esponja.

Palhaço 1

É dose. É dose forte.

Palhacinho

E ainda há quem queira reinar, sabendo que vai acordar em pleno sonho da morte!

Palhaço 1

Sonham o sábio e o doutor que sabem ministrar sua receita...

Palhacinho

Mas a morte, na espreita, sua ciência não respeita.

Palhaço 1

Sonha o pobre que padece, na inclemência, sua miséria e sua carência.

Palhacinho

Sonha o louco em sua demência!

Palhaço 1

Sonha o crítico que critica a obra do grande artista...

Palhacinho

Seus óculos de lente fosca descobrem cocô de mosca onde não lhe alcança a vista.

Palhaço 1

Mas crítico...



- Palhacinho - E criticado...
- Palhaço 1 - São ceifados pela morte...
- Palhacinho - Se a obra é mesmo de porte...
- Palhaço 1 - Sobrevive aos dois e à crítica. E no tempo se pretifica.
- Palhacinho - Sonha o coveiro que cava fundo a cova de um terceiro...
- Palhaço 1 - Mas a caveira, irmão do coveiro, num segundo, pode levá-lo primeiro.
- Palhacinho - E faça uma prece...
- Palhaço 1 - Sonha o que planta e espera a messe.
- Palhacinho - Sonha o que tem fartura na mesa sempre bem posta para encher a sua pança...
- Palhaço 1 - E sonha o que, à essa altura, tem a ^{pança} barriga na ^{fampança} ~~costa~~ e sua fome não descansa...
- Palhacinho - Sonha o juiz que condena...
- Palhaço 1 - Sonha o réu que sofre a pena.
- Palhacinho - Sonha o que xinga e ofende.
- Palhaço 1 - Sonha o ^{globo} couba e pretende.
- Palhacinho - Mas o que mais me desagrada é quem o sonho degrada, degradando o ser humano...



- Palhaço 1 -
Cultivando em volta de seu pédio a maldita flor do ódio, da
crueldade, do engano.
- Palhacinho -
Sonha o que tortura...
- Palhaço 1 -
E sonha quem sofre a desventura de castigos tão cruéis...
- Palhacinho -
Nas mãos do celerado...
- Palhaço 1 -
Mas, porventura, é provável que, de modo acelerado, do ou-
tro lado, se invertam os papéis.
- Palhacinho -
Bemvinda seja, minha sócia, gritou debaixo da terra...
- Palhaço 1 -
A Rainha da Escócia para a Rainha da Inglaterra...
- Palhacinho -
Antes que me esqueça... como ela pode ter gritado?
- Palhaço 1 -
Se estava sem a cabeça? Não seja precipitado: nem o tempo
emudece o grito decapitado!
- Palhacinho -
Sonham o rico e o mendigo...
- Palhaço 1 -
Mas é como lhe digo e não deixo para depois...
- Palhacinho -
Em aparte, vou dizê-lo, interrogando: dos dois, qual o mai-
or pesadelo?
- Palhaço 1 -
Sonha o rico sua riqueza, na cama, tão facciro...
- Palhacinho -
Mas rola no travesseiro...
- Palhaço 1 -
O ouro que abunda, o cruzeiro...



Palhacinho

É brasa acesa, queimando-lhe o traseiro...

(Palhaço 2 sai correndo de cena com rombo luminoso no traseiro)

Palhaço 1

Sonha o que dorme na pedra...

Palhacinho

Enquanto seu sonho não medra...

Palhaço 1

Sonha o que, em troca de uma ilusão, seu próprio sonho mais caro barato vende...

Os Dois

E, no mundo, em conclusão,
Todos sonham^{os} que são
E isso, ninguém entende.

Palhacinho

(no trapézio)

Eu sonho que estou aqui preso em minhas algemas...

Palhaço 1

Mas delas, por favor, não temas, que tua pena é passageira. Eu sonhei que outra situação mais lisonjeira vivi...

Palhacinho

Que é a vida?

Palhaço 1

Um frenesi...

Palhacinho

Que é a vida?

Palhaço 1

Uma ilusão, uma sombra, uma ficção.
O que hoje é alegre (chorando) e risinho...

Palhacinho

(rindo)
Amanhã é tristonho...

Os Dois

Pois toda a nossa vida é sonho, pura imaginação, e os sonhos sonhos são!

CENA VII

Palhacinho no trapézio.
Palhaço 2, de menina, num balanço ou
em outro trapézio...

PALHAÇO 2

Palhacinho...Palhacinho!

PALHACINHO

Que bom que você veio. Eu estava tão sozinho...

PALHAÇO 2

Mamãe não quer que eu brinque mais contigo. Ela me bate. E papai me
bota de castigo.

PALHACINHO

Porque? O que é que eles têm contra mim?

PALHAÇO 2

É que você é um palhacinho. E pinta a cara de carmin.

PALHACINHO

Que mal existe em ser palhaço? Na minha face, o carmin é só um dis-
farce.

PALHAÇO 2

É que meu pai é um doutor de alta classe. Tem anel no dedo. É rico.
E minha mãe diz que não fica bem eu te namorar. Gente de circo não
tem onde morar. E passam fome. Olha só o que eu trouxe para ti, pa-
lhacinho... este docinho...

PALHACINHO

Não quero, pode guardar o teu doce.

PALHAÇO 2

Eu não tenho culpa. Vê como minhas pernas estão vermelhas de tanto
relhaço!
Só porque eu disse que gostava de um palhaço...

PALHACINHO

Não me deixe. Fica mais um pouquinho...

PALHAÇO 2

Não posso. Mamãe já deve estar me chamando...



PALHACINHO

Será que nunca mais a gente vai se ver?

PALHAÇO 2

Quando eu for grande, talvez. Daqui a muitos anos. Mas onde estará você?

Gente de circo não tem paradeiro. São ciganos.

CENA VIII

PALHAÇO 1

Você aí, pare com essa preguiça que stê faz mal.

E pratique novamente o salto mortal.

Ontem, você errou. Lembre-se de que, para nós, o salto mortal é vital.

PALHACINHO

Eu tanto gostaria de ser gente de verdade, de fato...

PALHAÇO 1

Contenta-te em ser um fago-fátuo. Estrela cadente que morre tão logo desponta o brilho breve de um moribundo segundo, que o tempo não tem tempo de fazer conta...

PALHACINHO

Por que queres que eu aprenda a levantar, rindo, de um tombo, e não tenha vergonha de ostentar na calça remendada mais um rombo?

PALHAÇO 1

Porque te desejo na vida um vencedor.

PALHACINHO

Vencedor? De que?

PALHAÇO 1

Da queda. O segredo é não ter medo da queda, na reviravolta da cambalhota mortal. Se, num tropeção infeliz, quebras a cara e torces o cachaço e, nem assim, perdes o compasso...

PALHACINHO

Já sei! Serei, então, um bom palhaço...

PALHAÇO 1

Se, mesmo no ar, em pleno ato, no salto triplice, não deixas que a vaidade eclipse tua condição de homem de pés de barro...



PALHACINHO

Sei, sei...será, então, um artista...um bicho raro!

PALHAÇO 1

Tem mais: se, num rasgo de fú, esculpes um sorriso na máscara mostuária do disfarce final e acenas o derradeiro até-mais-tarde sem alarde, e sem querer piedade, nem alento, mais exigindo que riam contigo no último e mais grave momento fatal...

PALHACINHO

O que sei, papai, é que, se eu cair, todos vão rir. E me embaraço.

PALHAÇO 1

Para ser um bom palhaço, o segredo é não ter medo da queda na reviravolta da cambalhota mortal...

PALHACINHO

Pulo, salto, caio de mau jeito e ainda deixo achar graça da graça que me acham. É tudo tão triste, tão engraçado, neste ofício de sacrifício que exige tantas horas de exercício. Me deu fome...

CENA IX

Palhaço 2 entra lavando o chão com balde e escova.

PALHACINHO - com gravetos na mão

Mamãe, a senhora quer que eu acenda o fogo para fazer a comida?

PALHAÇO 2

Para hoje, amanhã e depois, não temos um único grão de arroz. A fome é a companheira constante do artista mambembante. Por mim, estou acostumada com a comida escassa. Tenho raça. Minha família toda sempre foi palhaça. Mas tu e teu pai são outra classe de homem. Perdem até a graça quando não comem.

PALHACINHO

Esta vida de circo me desespera. Gostaria de viver em outra esfera. Por que meu pai me alçou nesse trabalho maldito?

PALHAÇO 2

Porque ele ama o circo e o eterno conflito entre o ser e o não ser. Que fazer?

PALHACINHO

Por que é que papai escolheu logo o papel de palhaço na folha?

PALHAÇO 2

Ele não escolheu. No circo não há escolha. O público é que sabe e

descobre, à primeira vista, a que categoria pertence esta ou aquele artista. Seu pai não era do circo. É preciso que você entenda. Ele nasceu em casa e não, como eu, que tive por berço esta tenda.

(sai e volta com outro balde, rapidamente)

Foi por amor a mim e por amor à arte que ele, um rapazola, resolveu fazer do circo a sua escola. No princípio, não foi fácil a adaptação. No circo, tudo tem seu lugar, a sua função. E ele fez de tudo. Começou de baixo como peludo.

Teve de fazer um aprendizado de coisas que eu, herdeira de tradição, filha e neta, trineta e quatrineteta de gente circense, não precisei de lição!

(joga balde com rosas em direção à platéia).

PALHACINHO

Desde quando a família de vovô e do avô do meu avô é de circo?

PALHAÇO 2

Desde o princípio do mundo, dizem uns. Mas dizem outros, com sabedoria, que desde antes que o mundo existia. Deus, quando fez o mundo em sete dias, foi o precursor de todas as magias. E há também quem diga, bem falante, que gente de circo é o judeu-errante, cumprindo a pena, de perambular, sem nunca encontrar descanso num verdadeiro lar.

PALHACINHO

Não me agrada que meu pai me obrigue a ser palhaço. Não tenho nenhuma vocação. Ele está enganado. Tudo que ele impõe, eu faço. Faço. Mas faço tudo errado. Eu não tenho as qualidades dele. Tentar, eu tento, mas desconfio que ele também não tem talento.

PALHAÇO 2

Tem, sim, e muito. Ser palhaço, em seu pai, é uma qualidade nata, que ninguém esconde rouba ou mata. No mundo prático de cimento e de aço... à que altura subiria esse palhaço... tivesse ele usado o seu dom de ser simpático à multidão! Poderia, quem sabe, conduzir povos a seu destino... se a sina de palhaço não aceitasse por desatino.

PALHACINHO

Não vivo de sonhos, não me alimento de lendas. Um dia, ainda deixo esta tenda. Aqui, eu não tenho futuro. Esse tipo de vida não tem mais futuro. Quero estudar, dar duro. Deixem que eu realize meu sonho, por favor. Tenho ambição. Quero ser doutor. Se, nesse tempo todo, meu pai não me fez um amigo... que não fale mais comigo. Estou estufado de fome e não tem comida. Há três dias não me alimento. (grita) Esta noite não represento.

PALHAÇO 2

Você enlouqueceu... mas, tem razão.

(joga as roupas do palhacinho no chão)

Vã, tome tudo o que é seu!

(ao ver que ele apanha as roupas e está mesmo disposto a ir-se embora reage).



Você foi concebido aos trancos e barrancos, num velho caminhão que ia aos solavancos estrada a fora! Eu e seu pai, digo sem peias, era nos jovens e tinhamos sangue nas veias. A gente se amava sem o menor pudor!

PALHACINHO

Já sei! Se amavam até demais, no meio da carga cheia de fedor, como dois bichos, dois animais...
Até num velho caminhão!

PALHAÇO 2

Num velho caminhão... lembro com saudade, agora que estou de cabelos brancos...
Aos solavancos, que marcavam o ritmo do nosso amor...
Nós fomos estrada a fora, camarada! A mocidade é um momento, é um quase nada!

PALHACINHO

Mas, eu? Eu, que não ganhei nem o seu leite materno!

PALHAÇO 2

Era tempo de crise no circo! Um problema eterno.

PALHACINHO

Sempre sai com fome da mesa...

PALHAÇO 2

Nos tempos de crise, só se saciam os que se atiram com garras e dentes à pressa, como animal selvagem! Não, não é falta de coragem. Gente de circo, como nós, apansa, amestra até o leão mais feroz. É por isso que tantas vezes passamos fome, privação, porque não aceitamos a lei do cão. O circo, a glória do homem, nasceu antes do pão!

PALHACINHO

Eu fui concebido aos trancos e barrancos...

PALHAÇO 2

Num velho caminhão que ia estrada a fora. Vá embora! Mate seu pai do coração.
Vá embora!

PALHACINHO

Vou! Ficando aqui, eu morro de inanição.

PALHAÇO 2

Pegue sua estrada, camarada.

PALHACINHO

Adeus, pai, minha mãe. Sou filho deste ventre que se infla todas as noites...



PALHAÇO 1 - (Entrando em cena, sem perceber a decisão do filho)
A, espera de ser empunhado pelas multidões...

PALHACINHO
Fui gerado em pleno picadeiro...

PALHAÇO 2
E ali mesmo eu lhe dei a luz...

PALHAÇO 1
E o circo não deixou de ter função. A parteira foi a platéia inteira. No dia em que você nasceu, meu jovem peralta, o papai pensou logo: mais um artista para a ribalta.

PALHAÇO 2
Sua primeira fralda foi feita de uma velha fantasia de palhaço, para que você seguisse a tradição e não cometesse traição.

PALHACINHO
Ades, pai, ades, mãe. Estou farto de ser palhaço. Deixo aqui o meu abraço. Cansei de ser espezinhado, torturado, escarnecido. De testo este cheiro de mofo, de naftalina, de roupa mal lavada. Estou exausto de ser jogado como um fardo errante por esses caminhos. Não quero mais esse tipo de vida, que o sangue me ferve. Não me serve. Sou um prisioneiro e minha prisão é esta lona que me cobre, jaula que me enclausura. Pais? Vocês são meus carcereiros e os juizes que me condenaram a tão desgraçada sina. Representar, sentindo fome, um vício!

PALHAÇO 1
São os ossos do ofício!

PALHAÇO 2
Ser artista é um ato de muita coragem. Eu puz você no mundo!

PALHACINHO
Mundo? O mundo de vocês é apenas este chão coberto de serragem e esterco. Chão que está sempre mudando de lugar, mas que é sempre o mesmo, sempre o mesmo chão que molhamos, todas as noites, com o nosso suor, como se quiséssemos regar a terra que escapa a nossos pés...

PALHAÇO 1

e
PALHAÇO 2

Para que brote ali a flor do nosso desamparo:

PALHACINHO

Ades ao chão de serragem. Ades à essa ridícula maquiagem. Mamãe!
Ades à roupa mal lavada, ades à comida requentada.



PALHAÇO 1

Como você se atreve a debochar de seus pais? Não se atreva mais. Não sei onde estou, que não lhe bato.

PALHACINHO

Pode bater. Nunca tive o seu carinho. Nem mesada.

PALHAÇO 2

Alto lá, camarada.

PALHACINHO

Cada gesto mal feito, cada inflexão errada, um tapa, um beliscão, uma bofetada. Doente, quantas vezes não fui tirado da cama a laço...

PALHAÇO 1

Porque você tinha que atuar no número do palhaço. O espetáculo não pode parar.

PALHAÇO 2

Hoje tem goiabada, tem, sim, senhor. Hoje tem marmelada, tem sim se
nhor. O espetáculo não pode parar!

PALHACINHO

Adeus, eu vou antes que ponha fogo no circo de tanta raiva que tenho. Vou tratar de mim, seguir o meu caminho. Ambicionei muito mais, desejo ser gente como os demais. Meu sonho é estudar. É me formar, Circo? Circo já era, já foi, já se mandou. É coisa que ninguém mais ligava.

(palhaço 1 e palhacinho se atraçam)

PALHAÇO 2

Por favor, parem com essa briga.

PALHAÇO 1

Muita gente já comprou entrada. E hoje tem de ter marmelada. Tem de ter função. Você, meu filho, é um ator.

PALHACINHO

Que vantagem existe em ser artista, em ser ator? Vocês verão, ainda serei doutor. Este palhacinho só voltará aqui com anel no dedo, em boa posição.

PALHAÇO 2

E nós, o que será feito de nós, onde estaremos?

PALHACINHO

Onde estarão vocês? Ninguém sabe! Tomara que o fracasso, papai, não acabe com a sua carreira de palhaço!



PALHAÇO 1

Não zomba, que eu posso perder a cabeça e não respondo por mim.

PALHAÇO 2

Marido, calma, está na hora! Vamos nos aprontar, no camarim.

CENA X

PALHACINHO - (Na platéia)

O espetáculo não pode parar? Pois para mim, parou. É o ato final. E só se levar daqui nem um pouco de saúde: só mgoea pelo tempo perdido. Pelas peladas que não joguei com os outros meninos. Por tudo que não foi e poderia ter sido. Pelo feijão que nunca sobrava na panela. Pela nossa tenda infecta, sem janela. Pelos brinquedos que não brinquei, e pelas broncas do velho palhaço. Pois bem, para mim, hoje não tem função. Ouviu, pai? Ouviu mãe? E não precisa me despedir. Eu já me considero despedido. Adeus, lá vou eu eu-vida. - Bem que poderia ter sido outra despedida. Mas você mesmo quis assim, velho palhaço idiota de quem ninguém mais faz caso.

Velho palhaço idiota, ultrapassado, nem de favor você merece mais o meu aplauso.

VOZ

Você foi gerado aos trombolhões...

PALHACINHO

Ora, não me encha os...

CENA XI

PALHAÇO 2

Você não tem condição de entrar em cena. O melhor mesmo é suspender a função.

PALHAÇO 1

Não, não. Isso, não. O público pagou e merece a minha arte por inteiro.

PALHAÇO 2

Com essa febre que tens, nem queria contar...mas, o bilheteiro...

PALHAÇO 1

Não me diga, mulher. Ele...fugiu?



PALHAÇO 2

Fugiu... com o dinheiro! A falta, a falta que nos faz o palhaço!

PALHAÇO 1

Não fale mais nele, que me aumenta o rancor...

PALHAÇO 2

Por que você insiste em representar... tão doente, assim pálido, sem cor?

PALHAÇO 1

Me ampare um pouco, não me deixe cair... arraste-me se preciso for, mas me coloque sob o facho do refletor. E deixe que eu, mesmo sem jantar, diante da vida que me escorraça, mostre que ainda tenho raça!

CENA XII

PALHAÇO 1

Representar, ardendo em febre, delirando de raiva?

VOZ

E daí, faz uma força, violenta o teu EU mais uma vez!

PALHAÇO 1

Ah, se tu fosses um homem! Não, tu és um palhaço! (para a mulher, nos bastidores) Me dê a fantasia do primeiro ato. Passe o alvaiade.

PALHAÇO 2

O alvaiate?...

PALHAÇO 1

Não, o alvaiate... Mas isso é graxa de sapato! Esta gente que está aí, pagou. Não importa que, de seus trocados, não tenha ficado um só em meu bolso. A função não pode parar. Ri de ti mesmo palhaço. O bilheteiro te roubou a fêria?

VOZ

Ri, que não é coisa séria.

PALHAÇO 1

Teu próprio filho te deixou sozinho, sem parceiro para o ato? Ri, que de tanto rir, me mato. Ri do teu ridículo, ri da farsa que te desgraça. Tu és um palhaço! Transforma em riso a dor que te alucina. Por um momento esquece, perdoa, passa a borracha, se recebes na cara mais uma bolacha do destino. Tu és o palhaço! Tens uma missão a cumprir e tua missão é fazer rir. Ri do mundo que te deninha, ri mesmo sem vontade. Ri e faz os outros rir, que só assim



esta platéia aplaude. Ri e vai te desfazendo em riso, enquanto te contorce de fome qual um boneco, enquanto crispas as mãos de puro rancor sem eco. Todos te abandonam, te roubam, te atormentam. De tua riqueza só te resta este pedacinho de graça, que nasce como um câncer, uma gangrena, quando representar tua própria história nesta arena. Em troca de tuas galhofas, barganhas um pedaço de pão. Sufoca o pranto, não deixes a lágrima te trair. Ri, palhaço, e faz os outros rir. Mulher, há tão pouca gente na platéia, que o melhor mesmo é afogar a emoção no meu peito em brasa e mandar servir um cafézinho.

PALHAÇO 2

Afinal, é como se todos estivéssemos em casa!

PALHACINHO

Café... Cafézinho...

FIN: DO PRIMEIRO ATO



Α Τ Ο ΙΙ

CENAS PARALÉLIAS

Num lado do palco, Palhaço 1 e Palhaço 2, transformados em artistas de feira. No outro, o Palhacinho recebe aula.

Cenas de aula

PALHACINHO

Ivo viu a uva - Avu uiv ovi. É que eu já sei ler de frente pra trás e de trás pra frente.

VOZ

Aula de Francês: Le livre de l'enfant est très joli.

PALHACINHO

O livro do elefante é tijolinho...

VOZ

Aula de Economia

PALHACINHO

(baixa as calças)

VOZ

O que é isso, menino?

PALHACINHO

Economia. A cena nada tem de cômica. É apenas econômica.

VOZ

Aula de Geometria: desenha um trapézio.

PALHACINHO

Que saudade!...

CENA II

PALHAÇO 1

A lua, hoje, em vez de azul, está encarnada.

PALHAÇO 2
Coisas de contra-regra...

PALHAÇO 1
Vai ver que a lua está regradada.

VOZ
Canção do exílio

PALHACINHO
Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiã (assovia)

NA FEIRA

PALHAÇO 2
Antigamente, eu chorava, de saudade do sabiã, que cantava na palmeira.

PALHAÇO 1
Hoje, quem chora é o sabiã de saudade da palmeira, pois palmeira já não há...
Tu não te lembras da casinha pequenina?

PALHAÇO 2
A casinha pequenina, tinha um coqueiro do lado; hoje, nem coco dá.

PALHAÇO 1
Numa casa de caboclo, quando o dia levantava, ficava assim de sabiã...

PALHAÇO 2
Que saudade do meu sabiã!

PALHAÇO 1
Sabiã, sabiã, abre as asas sobre nós, que este céu é seu, não é dos multirrouxinóis.

PALHAÇO 2
Sabiã, sabiã, que saudade do meu sabiã...

PALHAÇO 1
A casa de caboclo, onde um era pouco, dois era bom... virou hoje quitinete. Moram mais de dezessete. Comida? Só de lanchonete. Peru, caviar, faisão, pratos saborosos que o destino reservou pro nordestino. Vive tudo pendorado, amontoado, sabiã não tem lugar. Para entrar, só depenado...



PALMEIRO 2
Digo assim: Sabia também se frita!

PALMEIRO 1
Malher, não fora o teu apoio e o circo, já teria ido água abaixo. Não há mais um único lugar onde se possa fazer armação. E olhe que procurei de tudo a baixo...

PALMEIRO 2
Acho... que deve ser por causa da inflação: os terrenos subiram tanto... As imobiliárias... Só há uma maneira de fazer frente ao desafio: é não ter medo de representar até no veio-fio. Voltemos à praça, mesmo que tenhamos que trabalhar de graça...

PALMEIRO 1
Estendendo o chapéu à caridade...

PALMEIRO 2
Passe filho...

PALMEIRO 1
Não me fale nele, por piedade...

PALMEIRO 2
Fiz progresso nos estudos (liga com vestibular) está para se formar na faculdade. (liga com o diploma de doutor na Europa).

CENA PARALELA

LADO B

VOZ
Como é que você passou no vestibular, sem mesmo saber onde por o nariz?

PALMEIRO
Foi fácil. Bastou fazer xis-xis. Foi aquela xixizada!

VOZ
Quer dizer que, da Europa, voltaste feito doutor?

PALMEIRO
É verdade, sim senhor.

VOZ
E por qual academia? E qual a ciência, então?

PALMEIRO
Isso, eu não sei, não. O diploma é escrito em alemão!

LADO A



PALMAÇO 2
Ele é estagiário num hospital. Já está ganhando algum dinheiro. E
me mandou um cheque. Queres guardar?

PALMAÇO 1
Não, o melhor é rasgar. Assim, resisto melhor à tentação (liga com fa-
las filas). Sabe do que estou sofrendo, agora? É de saudade da vi-
da calma que havia neste lugar. Está ouvindo a música? Isso me dá um
idílio. Imagine que o amigo ecológico da onça chegue e pergunte: que é
feito da verde capoeira que havia neste lugar? Que é feito do verde
lunar que, por uma hora inteira, vinha a onça admirar?

PALMAÇO 2
Não há, ô gente, ô não, luar como este...

PALMAÇO 1
A gente abre a janela, Stela, e vê a lua tão bela na tela...

PALMAÇO 2
Do firmamento...

PALMAÇO 1
Não querida... Na tela da tv colorida. A lua nasce por detrás dos pró-
dios altos, é uma lua de cimento, no asfalto a caminhar... É uma lua que,
entre tantos sobressaltos, roubos, crimes e assaltos, atropelamentos,
por puro esquecimento ou pelo aborrecimento, deixou de fazer luar...

PALMAÇO 2
Não há, ô gente, ô não, luar como este do espigão.

PALMAÇO 1
A vida ao ar livre, a natureza agreste, tudo isso se tornou tão difícil
e tão raro... um sarro.

PALMAÇO 2
Que até virou propaganda de cigarro. Mas, veja, ainda há uma restiada
lunar ali na praça. Vamos até lá, antes que a luz da lua se desfaga.

LADO B

PALMACHEIRO (depois de "assim resisto melhor a tentação")

Para acabar com as filas, nosso hospital, este ano, tem novo plano.
Bulheres, com sombrinhas, fiquem do lado do sol. Mulheres, sem sombr
nha, fiquem do lado da sombrinha.
Pacientes, com cuecas de três botões, aguardem ao lado dos portões.
Os que tem cuecas de dois botões... fiquem dando voltas no quarteirão.



Os que não têm botões na cueca, ou estão sem cueca, podem jogar peteca ou ficar fazendo uma seneca.
 Para todos, serão distribuídas palavras cruzadas, para que não fiquem de pernas cruzadas.

LABO A

PALHAÇO 1

Prente. Aqui está a praça. E aqui estamos nós. Continuamos no firme propósito de dar o melhor de nós mesmos, dos nossos corações, malgrado todas as espianças e todas as poluições. Com vocês, a mãe, a esposa, a filha, a irmã, a mulher!

(Sai...)

CENA

PALHAÇO 2

Desta vez, que deseja à distinta plateia?

VOZES

Sexo, sexo, violência...

PALHAÇO 2

Sexo? Para isso, não é que me falte juventude. Não, não é simplesmente por preconceito ou virtude.

VOZES

Sexo, sexo. Arreia a calça, palhaço.

PALHAÇO 2

Senhor, eu sou uma atriz.

VOZES

Atriz é sinônimo de meretriz. Faça, para nós, um "strip-tease".

VOZ

Mas antes providencie uma plástica, como outras atrizes, para se livrar das varizes.

VOZ

Estamos impacientes... (liga com a fala do Palhacinho)

HOSPITAL

PALHACINHO

Mande entrar os pacientes que tiveram paciência de esperar conversas



do com os seus botões. E distribua novos cartões. Para aqueles que vieram mais de três vezes, marque nova consulta para daqui a dois meses.
 Atenção, atenção, nesse hospital acaba de bater o recorde mundial de amputação.
 Dona Eudóxia, dona Eudóxia, já está pronta para a autópsia? Há outros cadáveres esperando na fila.
 Pacientes com o pé esquerdo engessado, queiram dirigir-se ao quarto andar.
 Atenção, os elevadores estão enguiçados. Um, dois, um, dois.
 Troca estropiada...mmmbre, que esta vida é uma piada! Pé com gesso, pé sem gesso.

PRACA

PALHAÇO 2

Estou velha. Envelheci neste tablado, como outros envelhecem na estrada.

Voz

Hastre como se faz sexo numa pernuchanchada.

PALHAÇO 2

Sexo? Sexo, só fiz com o meu marido, o meu querido. E era um sexo puro, abençoado, sem medo, porque ele é um verdadeiro homem e não um simples arremedo. Sexo com amor. Ele é um homem, um condor. E eu sou o seu território. Um território de carne e desejo que só ele pde percorrer.

Voz

Sexo, sexo, vio-lên-cia.

PALHAÇO 2

Eu me juntei a ele por amor e ele se juntou à tenda por amor a mim e por amor ao circo. Nós nos amávamos num velho caminhão, aos tranços e barrancos. Num velho caminhão que, aos solavancos, ia estrada a fora...

Voz

Está na hora. Está na hora.
(entrando)

PALHAÇO 1

Que acontece, mulher? Afinal, que é que a platéia quer?
(palhaço 2 chora.)

Não chores pombinha. Não é um ou outro gaiato que vai estragar o nosso ato. Eu te amo hoje mais do que nunca: retoque a pintura do rosto.

Um artista jamais deve estar decomposto. Ainda me sobra muita força

no corpo, muito sangue nas veias, embora sem café da manhã, sem almoço e sem ceias. Reaja, vamos reagir.

PALHAÇO 2

É verdade, temos de fazer o público rir. Que quer a distinta assistência?

Voz

Sexo, sexo, violência, violência...

(Começa a operação, no lado B, de um boneco, pelo Palhacinho).

PALHAÇO 1

Pois é o que terão. Farei o jogo, mostrando que tenho peito de aço. Podem atirar no coração do palhaço. Mulher, distribua as pistolas aos mais ousados, em troca, é claro, de alguns trocados. Que me matem a tiro. O número talvez venha a ser um tiro... de bilheteria. Quem dá mais? Quem dá mais?

PALHAÇO 2 (na platéia)

Os senhores vão assistir ao fabuloso espetáculo do palhaço-suicida. Ele oferece sua arte à sanha homicida. Mas, por que é que eu ando tão esquecida? Deixem-me oferecer aos espectadores a solução de todas as dores: Um revólver, quem está interessado?

PALHAÇO 1

Cuidado! Não vá dar alguma carregado!

(Enfocando no local do fuzilamento e mãos, da lateral do cenário, disparam revólveres de brinquedo, até que, sob risos e aplausos, alguém lhe acerta um tiro de verdade).

Mas, afinal, quem mandou, quem teve a infeliz idéia de aborrecer a platéia? Palhaço, equilibrista, trapezista, ator de chanchadas e dramalhões, domador de leões, sempre abominei o regime nazista. E, agora, quem me joga às feras? Querem meu sangue na arena? Não há mais lugar para este velho gladiador. Que dor. Estou morrendo e a morte do circo me abala. Estou morrendo! De que mão partiu esta bala, cujo estilhaço veio rasgar o peito do palhaço? Estou morrendo, e só eu sei a dor que me dilacera! É a dor de saber que eu já era, que minha arte não passou de quimera. Morro! É insuportável esta dor, mas exijo, imponho, não chamem o doutor.

(Palhacinho faz operação num boneco).

PALHAÇO 2

Ele já foi avisado, mas estava na sala de operação.

Voz

Avisamos aos cirurgiões que não há mais linha para costurar as operações.

PALHAÇO 1

Deixe que ele cumpra sua função. Que cuide de outras enfermas que se
fresca mais do que eu. Ah, os papéis que interpretei! Todos, um por um,
me voltam à memória.
É como se eu fosse público de minha própria história...

(Palhaço ao terminar a operação, costura o boné com o cordão de seu te-
lão.)

PALHAÇO 2

E, entre todos...

PALHAÇO 1

Entre todos, um, e dessa memória não me desfaço, me deu mais prazer,
mais alegria.

PALHAÇO 2

E foi justamente...

PALHAÇO 1

O do palhaço!

(Palhaço entra e abraça-se à mãe. Ambos choram.)

Não chorem por mim. Chorem, isso sim, pelos que não lutam, pelos que
se acomodam, por aquele que sua arte renega. Pelo que trai a si mes-
mo e ao colega.

PALHAÇO 2

(ríspida, dando vazão ao desespero)

Meu filho, você aí, faça alguma coisa. Você!...

PALHAÇO 1

Mulher, isso é modo de tratar este senhor? Lembre-se de que ele é um
doutor.
Vá preparar-lhe um café.

PALHAÇO 2

Você vai ficar bom. Eu tenho fé.

(faz café no lado B, do palco: pantomina)

PALHAÇO 1

Não há mais nada a fazer, meu filho. Sua arte é inútil para mim. É o
fim.
Venha. A morte ciumenta já me ciumenta a carcaça, me reveste de argamem-
ta.

PALHAÇO 2

Faça um esforço, reaja, enquanto providencio o soro!

A arte não me fez nenhuma diferença. Queria brigar com ela, mas me deu



do à sua graça. Ela é bela e quer atuar comigo em outra praça. A por-
te também é uma palhaça... e está pronta para se ceifar com o seu ca-
dinho. Morro, mas nunca fiz de teatro um mercadinho. Morro e só uma
coisa leve do palco: foi branco um dia, hoje tão sujo de maquiagem...
É minha comenda, minha cruz, minha ordem do mérito. Manchado assim
de maquiagem, de suor e de consaço, é meu galardão e meu troféu: o
meu colarinho de palhaço! Filho, por que me abandonaste?

PALHACINHO

Estou formado doutor. Realizei meu sonho, papai. E trago o diploma
debaixo do braço. Mas, por favor, me ensine a ser palhaço. O senhor
me ensina?

Descubro, agora, que esta é a minha sina. Quando eu era menino e via
o senhor se preparando para entrar em cena, a princípio, eu tinha me-
do daquele ser estranho que ia sendo criado pela sua fantasia... tão di-
ferente do pai que eu conhecia! O quanto a maquiagem tornava sua ex-
pressão diferente, pavorosa, medonha... Depois ao ouvir os apupos, os
risos da garotada, zombando e rindo do senhor, papai, o que eu sentia,
confesso, era vergonha.

Vexava-me, ter um pai alvo de galhofa, de zombaria. E quantas vezes
 chorei escondido e maldisse o destino de ter nascido filho de palha-
ço! Palhacinho...

Palhacinho... filho de palhaço!... era assim que gritavam, com estarda-
lhão, meus colegas de escola. Aquilo apelido era para mim um estig-
ma. Uma humilhação... Uma cicatriz em brasa nos meus tempos de crian-
ça. Perdoo, pai, se volto ao nosso passado de ciganos errantes... e
me recorde dos trapézios-volantes. Deixe que eu me lembre de suas tra-
vessuras, de seus tombos, de suas piruetas, de suas graças, de suas en-
retas...

Que é isso, papai?

(vai até Palhaço I e beija-lhe o rosto)

O senhor também está chorando? De saudade não é, pai? Por favor, pai,
esqueça que eu sou doutor... esqueça minha vaidade e pinte minha cara
de alvaiade. Agora que o senhor está imóvel aí e que toda a ciência
que aprendi na faculdade não pode dar-lhe força da mocidade... me ensi-
ne a interpretar o seu papel... Quer que eu jogue fora o meu anel? Sou
seu filho, de seu talento devo ter herdado pelo menos um pedaço! Me
ensine a ser palhaço. Onde está a sua fantasia? Quero vesti-la, pois
ela me fica melhor que este avental e esta touca. Faça duas maçãs ver-
melhas de rouge no meu rosto. Desenhe um riso que afugente o sofrí-
mento de minha boca. Ponha-me um nariz descomunal. Estou quase pron-
to para a minha estréia. Agora, é só levantar a sobranceira e color-
car a peruca vermelha...

PALHAÇO I

É com muito carinho que eu te lego... o meu colarinho...

PALHACINHO

O colarinho de gola alta... e lá vou eu confiante para a ribalta. Papai,
por favor, não fique aí, imóvel, olhar perdido no espaço. Por favor,
me ensine a ser palhaço!



191 10 1.

Este colarinho foi meu galardão e meu troféu. Para onde vou, não sei. Eu não, ficaria aqui, no palco, que é e sempre foi...o meu céu! Se aplaudem, se ele trabalhar bem, batam palmas...Caso contrário, em nome do pai e do filho... aplaudam também. In nome do pai e do filho...

191 10 2.

Se, ao entrar na cena, no circo, os garotos zombarem de mim, pobre palhaço, terei mais uma vez a certeza de ter nascido para curar as almas da tristeza e da dor.

Este salto é dedicado ao velho Condor pelo palhacinho-doutor.

(O palhaço 2 entra com a bandeja de café, enquanto palhacinho executa saltos por cima do fio. Percebe que o marido está morto. A bandeja cai de suas mãos.)

191 10 3.

(no final do salto)

Papai, por favor, faça-me caso, o seu palhacinho precisa tanto e quer tanto o seu aplauso...

(O palhaço 2 chora até não poder mais. E resolutamente bate palmas para o filho, em sua honra. Como se aplauso apagassem a fome, a dor, o desespero, a perda do pai morto)

191 10 4.

O espetáculo não pode parar. O espetáculo não pode parar...

F I M

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FINS DE CENSURA DO TEX-
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO

San Y...
REPRESENTANTE NO R. G. SUL

IMPÉRIO DO CONDOR



PERSONAGENS

1. Palhaço (pai) - P.1.
2. Palhaço (mãe) - P.2
3. Palhacinho (filho) - P.3

memórias, lembranças quase apagadas, sonhos...
acabaram brincando de tornar-se realidade no palco.
E meus palhaços, agora, vivem livres de mim,
sonhando seus próprios sonhos.

Edison Nequete





A primeira encenação de "Império do Condor" aconteceu no dia 8 de maio de 1980, com direção do autor e com o seguinte elenco:

Palhaço Um - Edison Nequete

Palhaço Dois - Elisa Simões

Palhaço Três - Tarcio Marcondes





ATO I



CENA I



Os três palhaços revezam-se ao dizer os versos, já definindo a angústia de P.1, a firmeza de P.2, a perplexidade de P.3.

Luz sêpia no palco dá impressão de fotografia antiga.

P.2 finge soltar um pombo imaginário de sua mão.

P.1 e P.3 - Quando os pombos da Praça Tiradentes se despedem na última revoada do dia...

P.1 - Anoitecem as esperanças.

P.3 - E... o jeito?

Palhaço 2 (mãe) - (desenhando um sorriso no rosto do Palhacinho)
O jeito é sorrir encabulado...

Palhaço 1 (pai) -
Fechar o velho álbum de recortes...

Os três - (em círculo, lembrando com a junção de suas vestes um circo)
Que teima em anunciar risos e aplausos.

Palhaço 1 (pai) - (afastando-se)
Este circo, este circo é um mundo, maninhos.

Palhacinho - (surgindo de uma fresta da roupa de Palhaço 2 (mãe))
E sua lona tem tantos buracos!

Palhaço 2 -
Quem sabe se, amanhã, no mesmo ponto, não surge um contrato...

Palhaço 1 -
Para atuar em Hong-Kong, Cingapura...

Palhacinho -
Ou Cascadura...





Palhaço 1 - Na falta de comida...

Palhacinho - (língindo que come uma folha de jornal acesa)
Como fogo...

Palhaço 2 - (resvalando na sombrinha)
Para não cair mais, madame, me equilíbrio...

Palhacinho -
Na sombrinha sem arame.

Palhaço 1 - (ladeado pelos outros dois, no centro do palco)
No drama do calvário, fui Pilatos e já fui Judas...
Só Cristo é que nunca vivi no cenário de papelão.

Os três -
Mas olhem para mim, maninhos, e vejam se não carrego uma cruz!
Tenho chagas no meu corpo e também no coração.

Palhaço 1 -
Estou crucificado e me consumo em chamas ardentes...

Palhacinho -
Em busca de um cachê na Praça Tiradentes.

Os três -
Palhaço, equilibrista, trapezista...
Vou desfiando meu rosário...

Palhaço 2 -
Ai, ai, ai, meu Deus do Céu, quanto lucro já dei para muito empresário!

Palhacinho -
Cafona!

Palhaço 1 -
Cafona? Cafona é quem pensa que estou na última hora...

Os três -
Sei que vivo num compasso de espera, mas não admito que digam que eu já era!
Ainda sou e provo por inteiro, ali, no meu mundo.
No picadeiro.

Palhaços 2 e 3 - executam cabriolas saindo de cena.



Palhaço 1

- Risos, aplausos, muita emoção, cambalhotas no ar, saltos mortais,

Quem dá mais? Quem dá mais? Não perco a fé, não perco a fé. Ei, quem paga o café?

CENA II

mutações de luz



Palhaço 1

Perdoe o respeitável público, a quem tanto prezo, se, não tendo empresário, eu próprio me emprego, e aqui mesmo na praça, eu e minha família, hoje na desgraça...

(Palhaço 2 e Palhacinho criam os tipos da praça)

armamos o circo dos errantes burlantins. Que fazer? os meios de comunicação...

Palhacinho

- (como jornalista)

Matou a própria mãe sem ter motivo...

Palhaço 1

-
Justificam os fins...

Palhacinho

-
Cachorro fez mal a moça.

Palhaço 2

- (finge desmaiar com um cachorrinho no colo)
Comeu cachorro-quente estragado.

Palhaço 1

-
E a finalidade máxima desta família de funâmbulos é a de mostrar que somos sonâmbulos. Mas não quero me alongar nestes preâmbulos para que o ritmo não se descambe.

Aqui estamos na praça, ao lado do lambe-lambe.

Palhaço 2 e 3

- (fazem mímica de retratista de praça, estourando magnésio, etc)

Palhaço 1

- (faz pose de quem vai se fotografar, sendo que sua caricatura vai aparecer quando o Palhacinho baixa as calças mostrando a cueca, na qual está desenhada o seu rosto)



RS

Aqui estamos, pedindo licença para ocupar uma nesga do ter-
ritório do condor.

A praça, a praça é do povo, do retratista e
também pode ser do artista.

Mas, o que é isso? Caiu a sombra, é noite alta.

Providenciemos logo as luzes da ribalta.

Os atores exigem refletores...

Palhaço 1

- (olha para cima de onde vem descendo o Palhacinho com uma
sombriinha iluminada)

Mande lá de cima uma gambiarra das estrelas irmãs desses
palhaços.

Que a lua,

(Passa o Palhaço 2 com uma lanterna azul)

Velha colega, ilumine nossos passos. - Lua, branca de neve,
sinto ciúme do teu perfume, do teu "hai-hai". -
Aqui estamos nós, puros, limpos, de alma nua.
Ainda bem que o circo continua.
Aqui estamos nós, mais perto do povo, do que nunca.
Melhor na praça do que em qualquer espelunca.
Vou apresentar à platéia, hoje, um novo artista.
E a emoção da estréia aflige-o.
Já foi menino-prodígio.

(Palhacinho reluta em entrar em cena)

Fazia o papel de república com o barrete-frígio.
Taludo, não me iludo, perdeu a graça infantil, que não ca-
rece de estudo.
Se ele trabalhar bem, batam palmas. Caso contrário, em no-
me das almas, não o valem!

O jovem que se apressa a disparar o seu gatilho é...meu fi-
lho!

Palhaço 1

- (continua)

Damos melhor aqui o que temos de melhor e aprendemos, a ca-
da momento, o significado maior de cada sofrimento.

Não nos encontramos tão distanciados desses pobres coitados
dos que se acoitam aqui, açoitados pelo destino que a vida
traça...

Desses pobres marginalizados que se refugiam na praça...
(sai de cena)

Palhaço 2

- (como prostituta)

Palhacinho

- (a princípio tímido)

És uma só e te sentes sozinha no mundo. Mas, se eu te dis-
ser em meu verso, mulher, que teu vulto solitário, a essas
horas da noite, se reproduz aos milhares, em todo o univer-
so, talvez não sofras tanto a solidão.





És uma, estás só, perdida. És uma mulher da vida. Que queres? Este é o destino de tantas mulheres! Quando contas tua história de abandono da sociedade que, com tamanha falsidade, se recata, há quem diga que é cascata...

Que estás nessa porque queres. Que queres? Tanta gente fala mal das mulheres. Eu, não. Os hipócritas invejam tua risada desvairada. E te chamam mulher de vida airada.

Que querem eles? Pisar-te, machucar-te até que grites de dor? Tua resposta é esta gargalhada de desvario, que mais parece um desafio, uma navalhada!

Condenam-te a viver isolada da família, alegando que teu comportamento humilha. Mas tu, o que queres, como todas as mulheres, é ter um lar. E em tal sonho tua alma se hipoteca... tu também não brincaste de boneca?

Por isso, no quarto que divides com teu gigolô, nunca falta um bibelô: um bebê, lembrando o filho que teu ventre abortou. Em vez de mãe e de esposa, és uma simples mariposa.

Dormes, mas tua alma nunca repousa, minha pobre querida me retriz...

Em teu pesadelo, por um triz, escapas correndo do camburão pela décima vez. Como vês, não há quem te valha em tua dura batalha. Mas, que queres? Este é o destino de tantas mulheres.

Palhaço 1 - (ao fundo, acompanha a cena do Palhacinho)

Palhaço 1 e Palhacinho

Das mulheres, não importa, se sincera ou fingida, interpreta todos os papéis desta vida. És companheira, és mãe, irmã e até filha. Há vários nomes designando tua profissão, teu ofício, missão com marca de vício. No correr dos tempos, inspiraste poetas, músicos, romancistas... Até na Bíblia falam e falam bem de ti, pequena, quando te chamaram Madalena.

Palhacinho

Não quero que te sintas tão sozinha esta noite. E é por esse motivo que faço estes versos para ti.

(Palhaço 1 abraça Palhaço 2)

Palhaço 1

Vem, por uma hora seja minha senhora. Quero apertar-te nos meus braços...

Jurar um amor que não acaba mais. Finjamos juntos como dois bons fingidores, que nosso amor fingido alivia todas as dores. O mundo está cheio de mulheres sós.

Palhacinho

Mas também há homens tão sozinhos...





Palhaço 1 - Por um momento, ven, que a maior pecado, a maior injúria ao Criador, é a falta de amor...

Palhacinho -
A falta de amor! Estão vendo só, é o que eu digo, deles não mereço a atenção que se dá a um mendigo! Meu pai e minha mãe só pensam no seu egoísmo. São vítimas da maldita doença do estrelismo!

Palhaço 1 - Não é nada disso, rapaz! O cansaço provocado pela fome era demais...

Palhaço 2 -
Eu e teu pai tivemos sonhos tão bonitos. Eu era Bette Davis. E teu pai, o genial Carlitos...

Palhacinho -
Sonhos, sonhos, vocês vivem sonhando!

Palhaço 2 -
Quando já não me resta mais nada, confesso que sonho, e sonho até acordada.

Palhaço 1 -
Meu sonho é ir-me embora para Pasárgada...

Palhacinho -
Quero que o mundo em paz me deixe, para que eu possa pescar meu peixe.

(Palhacinho mune-se de anzol. Palhaço 1 começa a fazer as malas e Palhaço 2 lê jornal)

Palhaço 1 -
Vou-me embora para Pasárgada. Lá sou amigo do rei.

Palhacinho -
Eu, se fosse o senhor, não dormia.
Arranjava logo uma mordomia...

Palhaço 1 -
Lá tenho a mulher que quero, na cama que escolherei...

Palhacinho - (mostrando uma calcinha no anzol)
Dê uma espiadela...
E vê se não é dela!



Luci
até 7/6

SBAT
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE
PARA FIM DE CENSURA DO TEX-
TO. A REPRESENTAÇÃO ESTÁ
SUBJEITA A NOVA AUTORIZAÇÃO
Vaillat
REPRESENTANTE NO R. G. SUL

IMPÉRIO DO CONSOR



PERSONAGENS

1. Palhaço (pai) - P.1.
2. Palhaço (mãe) - P.2
3. Palhacinho (filho) - P.3

memórias, lembranças quase apagadas, sonhos...
acabaram brincando de tornar-se realidade no palco.
E meus palhaços, agora, vivem livres de mim,
sonhando seus próprios sonhos.

Edison Nequete